



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 14 JESUS E NICODEMOSⁱ

Texto-base: Jo 3.1-21

Essa visita noturna feita por um líder do judaísmo a Jesus é narrado apenas no evangelho de João. Aqui, fora das tensões de um confronto público, na calma da conversa de mesa, duas eras se encontram, a antiga e a outra que está surgindo. Quando se descreve Nicodemos como fariseu e líder dos judeus, ele está sendo retratado como um representante do *establishment*, da liderança judaica “estabelecida”.

Sua vinda à noite é interpretada de várias formas. O encontro foi em segredo por causa do medo ou das exortações nas Escrituras para se estudar a Torá também à noite (Js 1.8; Sl 1.1,2), ou ainda para simbolizar a posição de Nicodemos como alguém que residia na escuridão? Dada a função da escuridão no evangelho de João (cf. 9.4; 11.10; 13.30), suspeita-se que alguma coisa sinistra esteja no pano de fundo da cena.

Também há controvérsia sobre o tom das palavras de abertura de Nicodemos de que os sinais indicam que Jesus é um mestre vindo de Deus. São declarações (1) de fé ou (2) de incerteza e quem sabe de abertura, ou (3) de ceticismo irônico? Dado o retrato de Nicodemos ao longo do evangelho joanino, parece melhor vê-las como uma inquirição honesta (a segunda alternativa, portanto). Nicodemos ainda não excluiu as possibilidades e vem descobrir mais sobre Jesus. O tom aqui é diferente do tom de confrontação de outros textos (7.15, 45-52; 8.48,52).

Independentemente dessas questões de pano de fundo, a narrativa apresenta o diálogo como uma investigação do que os sinais de Jesus realmente significam: o que, exatamente, ele está ensinando e por quê?

A resposta de Jesus, nos versículos 3 e 5-8 é muito direta. Cada dito começa com a solene introdução: “digo-lhe a verdade”, para enfatizar a gravidade da réplica. Uma função no Reino é possível somente para a pessoa que é nascida de cima, nascida da água e do Espírito. O processo é invisível e cheio de mistério, assim como se pode sentir o vento, mas não vê-lo. A explicação de Jesus é construída ao redor da ambiguidade linguística dos termos hebraico e grego para “espírito”, que em ambas as

línguas também pode significar “vento” ou “sopro”. O que é importante ver na resposta de Jesus é a função de um nascimento divinamente forjado, um nascimento inseparavelmente ligado à obra do Espírito de Deus. O evangelho tem a ver com o dom da vida interminável e divinamente possibilitada, que será chamada “vida eterna” no versículo 15.

Nicodemos responde com um entendimento literal. Ele pensa que Jesus está se referindo a começar de novo na vida. As palavras de Jesus parecem tão estranhas para ele que ele as retrata em seu aparente absurdo para enfatizar a dificuldade. A elaboração que Jesus faz, a seguir, somente reafirma o ponto. Jesus destaca no versículo 6 que há um nascimento terreno envolvendo a carne, e um que tem que ver com o espírito. Quando a elaboração de Jesus leva Nicodemos à pergunta de como isso é possível, Jesus o repreende por não compreender essa ideia, mesmo sendo ele um mestre em Israel.

A falta de entendimento de Nicodemos é representativa da carência de percepção da nação. Jesus alude a numerosos textos que associaram uma obra especial do Espírito com a era final (Jl 2.28-32; Is 32.15; e, especialmente, Ez 36.25-27). A ideia de água e vento, como símbolos do Espírito, pode ser achada em Isaías 44.3-5 e Ezequiel 37.9,10. Portanto, Jesus, na realidade, diz a Nicodemos que o que ele está pregando não é uma verdade nova, mas uma promessa embutida nas antigas promessas de Deus. Jesus reforça esse ponto afirmando, em uma forma representacional na primeira pessoa do plural, como também com uma solene afirmação: “digo-lhe a verdade”, que “nós falamos do que conhecemos e testemunhamos do que vimos”. Isso pode muito bem aludir à dotação do Espírito sobre Jesus em seu batismo, bem como pode explicar as raízes de sua obra com sinais.

A partir daqui, Jesus se volta para outro contraste entre o terreno (sua atividade ministerial) e o celestial (o sinal que vem). Ele se refere a “vocês”, quando observa o que Nicodemos representa como líder judaico. Jesus sugere que o fracasso dos judeus em entender o que ele já disse sobre as raízes espirituais e os objetivos de seu ministério significa que eles não serão capazes de entender as dimensões mais “celestiais” de sua obra que ele será levantado como o Filho do homem. Jesus fala com autoridade, como aquele que desceu como o Filho do homem, somente para subir um dia. Assim como o levantar da serpente por Moisés levou à cura as pessoas que olhavam para ela com verdadeira fé (Nm 21.4-9), também aqueles que cressem no Filho do homem em seu levantamento (exaltação) terão vida eterna. Suas origens destacam sua autoridade, como ele novamente salienta, como fizera em João 2.19, para o grande sinal da morte e ressurreição.

Nesse ponto (versículo 15), muito provavelmente, o ensino de Jesus para, e João resume (vv 16-21) o que a discussão anterior significa, incluindo a referência de Jesus a ser “levantado” (cf. tb 8.28; 12.32,34: todos os usos joaninos apontam para

esse evento). O resumo de João aponta para a doação divina do Filho, por meio de sua morte, como evidência do amor de Deus pelo mundo. Esse amor reflete o desejo de Deus de dar vida eterna para aqueles que, de outra forma, pereceriam. A missão de Jesus como Filho é salvar o mundo, não condená-lo (o que ele fará, inobstante, como Juiz). Crer nele impede a condenação e dá vida; deixar de crer nele é estar condenado por deixar de crer na renovação espiritual que o Filho oferece como luz. João vê isso como uma escolha – lembrando que o nascer de novo como ato soberano do Espírito está pressuposto aqui – do mal e suas práticas *versus* escolher abraçar a justiça. Aqueles que recusam Jesus amam as trevas porque suas obras são más, e aqueles que são maus odeiam a luz e a recusam para que suas práticas não sejam expostas. Em contraste, aquele que pratica a verdade (cf. Gn 47.29; Ne 9.33) aceita a luz.

O resultado é que Deus é visto como tendo realizado atos em benefício daquele que vem a Ele. Em outras palavras, a renovação espiritual que Jesus debateu com Nicodemos vem pela fé e produz um efeito, em contraste com aquele que vive na escuridão. A alusão de João a uma justiça prática, que surge da fé, lembra a ênfase de Jesus sobre a justiça prática em Mateus 5-7 (o Sermão do Monte). Em tudo isso, vemos que a vida eterna diz respeito não só com uma vida que dura para sempre e que escapa à condenação, mas também com uma qualidade de vida que o Espírito traz do alto.

Aplicação / perguntas para discussão:

- ✓ Vemos nessa passagem a grande mudança que o Senhor mostra ser necessária para a salvação e que figura notável usou para descrever tal mudança: o novo nascimento, o nascimento da água e do Espírito. Ao usar esta figura (não duas, mas uma única figura dita de dois modos diferentes, como forma de ênfase), era seu desejo que Nicodemos entendesse que ninguém pode tornar-se seu discípulo, a menos que o homem interior seja inteiramente purificado e renovado pelo Espírito, assim como o homem exterior é lavado pela água. Para possuir os privilégios do judaísmo, era necessário apenas nascer da semente de Abraão segundo a carne; mas para possuir os privilégios do reino de Cristo, o homem precisa nascer de novo, pelo Espírito Santo.
- ✓ Evidentemente, a mudança que Jesus afirma ser necessária para a salvação não é leviana e superficial. Não se trata de uma simples reforma, melhoria, transformação moral ou mudanças de comportamento. Trata-se de uma profunda mudança de coração, de vontade e de caráter. É uma ressurreição espiritual, uma nova criação: significa passar da morte para a vida; é a

instauração de uma nova vida celestial em nossos corações inertes; é o surgimento de uma ova criatura, com uma nova natureza, que possui novos hábitos, interesses, desejos, apetites, discernimentos, pensamentos, esperanças e temores. Tudo isso, e não menos do que isso, é o que está envolvido no nascer de novo. Nossa natureza é inteiramente decaída, inimiga de Deus (Rm 8.7). A este mundo viemos sem fé, sem amor e sem temor a Deus. Não temos qualquer inclinação natural para servi-Lo o obedecê-Lo, nem qualquer prazer natural em fazer a Sua vontade. Nenhum filho de Adão se voltaria para Deus, se fosse deixado à própria conta, de modo que não podemos proporcionar a nós mesmos tão grande mudança. O nome que o Senhor atribuiu a esse acontecimento – nascer de novo – é uma prova convincente disso: nenhum homem é o autor de sua própria existência, tampouco pode dar vida à sua própria alma. É tão impossível um cadáver dar vida a si mesmo quanto um homem natural tornar-se espiritual por suas próprias forças. Para isso, é preciso ser posto em ação o mesmo poder que criou o mundo (2 Co 4.6). O homem pode realizar muitas coisas, mas não pode dar vida a si mesmo nem a outros. Conceder vida é uma prerrogativa exclusiva de Deus.

- ✓ Muitas coisas a respeito do vento são misteriosas e inexplicáveis: não podemos vê-lo ou segurá-lo em nossas mãos, e quando ele sopra não somos capazes de apontar o lugar exato onde seu primeiro fôlego foi percebido nem prever a que distância se estenderá. Mas, apesar de tudo isso, não negamos sua presença. O mesmo acontece quanto à obra realizada pelo Espírito no homem, na ocasião do novo nascimento. Em muitos aspectos, essa é uma operação misteriosa, soberana e incompreensível a nós. Contudo, por mais que existam mistérios em relação ao vento, sua presença pode ser notada pelo som que produz (“ouves a sua voz”) e por seus efeitos. O mesmo ocorre no novo nascimento: por mais admirável e incompreensível que seja esta obra, ela pode sempre ser vista e notada. O novo nascimento é algo que não pode ser ocultado, pois sempre haverá frutos visíveis do Espírito naquele que dEle é nascido. O próprio João, em sua primeira carta, aponta algumas marcas daquele que nasceu de novo: essa pessoa “crê que Jesus é o Cristo” (I Jo 5.1); “não vive na prática do pecado” (3.9); “pratica a justiça” (2.29); ama “os irmãos” (3.14); “vence o mundo” (5.4); Cristo “o guarda, e o maligno não lhe toca” (5.18). Assim são o homem e a mulher nascidos de novo! Na vida onde esses frutos podem ser vistos, houve o novo nascimento; aquele que não possui estas marcas ainda está morto em seus delitos e pecados. Perguntemos com seriedade a nós mesmos: já nascemos de novo? Podem ser vistos em nós esses sinais? A voz do Espírito Santo pode ser ouvida através de nossas conversas no dia-a-dia? Podem ser notadas em nossas vidas as marcas da presença do Espírito? Feliz

quem pode dar respostas satisfatórias a estas questões! Virá o dia em que aqueles que não nasceram de novo desejarão nunca ter nascido...

- ✓ Por ser “levantado”, Jesus se referia à sua morte sobre a cruz. Ele nos fez saber que sua morte estava designada por Deus para ser a “vida do mundo” (Jo 6.51). Foi ordenada, desde a eternidade, para ser a propiciação pelo pecado do homem e a satisfação da justiça divina. Era o pagamento efetuado pelo sublime substituto e representante do enorme débito que o homem tinha para com Deus. Na cruz, os nossos muitos pecados foram colocados sobre ele, que foi feito pecado (2 Co 5.21) e maldição (Gl 3.13). Por sua morte Jesus obteve o perdão e completa redenção para os pecadores. A morte de Cristo é a vida do crente. É verdade que somos pecadores, mas Cristo sofreu por nós. É verdade que merecemos a morte, mas Cristo morreu por nós. É também verdade que somos devedores e culpados, mas Cristo pagou nossos débitos com seu próprio sangue. Este é o evangelho autêntico, as boas-novas!

ⁱ Esta lição é baseada nos livros: **Meditações no evangelho de João**, de J. C. Ryle (Editora Fiel); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).